

**DEIXA DORMIR
O DIABO JOHN
VERDON**

Primeira Parte

Os órfãos do crime

Prólogo

Era preciso travá-la.

As meias-palavras não tinham resultado, as ameaças subtis tinham sido ignoradas. Impunham-se medidas mais firmes. Medidas drásticas e inequívocas, seguidas de uma explicação clara.

A clareza era, aliás, crucial. Não podia haver lugar a dúvidas, a interrogações. A polícia, a comunicação social e, sobretudo, aquela rapariguinha metedicha e ingénua tinham de perceber a mensagem, estar em sintonia quanto ao seu significado.

Ele olhou, pensativo, para o bloco amarelo e começou a escrever:

Tem de abandonar imediatamente esse seu projeto leviano. O que se propõe fazer é intolerável. Glorifica as pessoas mais destrutivas deste mundo. Ridiculariza o meu desígnio de justiça exaltando os criminosos que executei. Cria uma empatia imerecida com os homens mais vis. Isso é inadmissível. Não o permitirei. Há dez anos que vivo de consciência tranquila por ter cumprido um objetivo, por ter transmitido uma mensagem ao mundo, por ter feito justiça. Se me obrigar a recorrer de novo às armas, o preço a pagar será terrível.

Leu o que escrevera. Abanou lentamente a cabeça. Não estava satisfeito com o estilo. Rasgou a página do bloco e introduziu-a na ranhura da destruidora de papel que tinha ao lado da cadeira. Começou de novo, noutra folha:

Pare o que está a fazer. Pare já e esqueça este assunto. Caso

contrário, voltará a haver sangue. E mais sangue, desta vez. É um aviso. Não perturbe a minha tranquilidade.

Estava melhor, mas ainda não estava bom.

Era necessário fazer alterações. Ser mais incisivo. Retirar palavras equívocas. Conseguir o texto perfeito.

E o tempo começava a escassear.

1

Primavera

As portas envidraçadas estavam abertas.

Dave Gurney encontrava-se de pé, junto à mesa do pequeno-almoço. Reparava que, lá fora, os últimos resquícios da neve do inverno haviam já abandonado a pastagem a perder de vista, sobrevivendo apenas os mais resistentes, como glaciares obstinados, nos locais mais recônditos, e mais protegidos pela sombra, das matas circundantes.

A ampla cozinha da casa abria-se ao aroma da terra, entretanto visível, e do feno que ficara por ceifar no verão anterior. Noutros tempos, aqueles cheiros conseguiam arrebatá-lo. Naquele momento, quase lhe eram indiferentes.

– Devias ir até lá fora – disse Madeleine do lava-louça, onde enxaguava a sua tigela dos cereais. – Aproveita o sol. Está magnífico.

– Sim, já reparei – respondeu ele, sem se mexer.

– Senta-te e toma o café lá fora, numa das cadeiras – sugeriu ela, pousando a tigela no corredor. – O sol faz-te falta.

– Hum... – resmungou ele, acenando distraidamente com a cabeça. Bebeu outro gole da caneca que tinha na mão. – Este é o café que costumamos comprar?

– Qual é problema do café?

– Eu não disse que havia um problema.

– Sim, é o que costumamos comprar.

Ele suspirou.

– Devo estar constipado. Nos últimos dias, não distingo os sabores.

Ela pousou as mãos sobre a borda do lava-louça, instalado numa ilha no centro da cozinha, e fitou-o.

– Tens de sair mais. Tens de *fazer* alguma coisa.

– Pois é.

– Estou a falar muito a sério. Não podes simplesmente estar sentado em casa a olhar para a parede o dia todo. Vais enlouquecer. *Estás* a enlouquecer. Já respondeste à chamada da Connie Clarke?

– Ligo-lhe mais tarde.

– Quando?

– Quando me apetecer.

Ele acreditava que aquele estado de espírito dificilmente duraria para sempre. Contudo, naquele dia, tal como nos últimos seis meses, sentia-se apático. Como se, após os ferimentos que sofrera no final do bizarro caso de homicídio de Jillian Perry, se tivesse desligado de tudo o que associava à vida normal: tarefas quotidianas, organização do tempo, interação com outras pessoas, telefonemas, quaisquer compromissos. Chegara a um ponto em que nada o alegrava mais do que um mês em branco na sua agenda: nenhum compromisso, nenhuma promessa. Associava o distanciamento à liberdade.

Mas, ao mesmo tempo, era suficientemente objetivo para perceber que esta mudança lhe era prejudicial, que a sua liberdade não trazia consigo qualquer paz de espírito. Sentia-se hostil, não sereno.

Era capaz de entender, de certa forma, a estranha entropia que minava os alicerces da sua vida e o isolava. Conseguia, pelo menos, enumerar as suas causas. Uma das mais pertinentes era o zumbido que ouvia desde que saíra do coma. Aliás, na verdade, o ruído teria principiado antes disso, quando o atingiram com três tiros, numa pequena divisão, quase à queima-roupa.

O som que ecoava persistentemente nos seus ouvidos (e que o otorinolaringologista explicara não ser, em rigor, um «som», mas uma anomalia neurológica que o cérebro interpretava como tal) era difícil de descrever. O tom era agudo, o volume baixo, o timbre semelhante ao de uma nota musical lentamente sibilada. O fenómeno, bastante comum entre músicos de *rock* e veteranos de guerra, intrigava os cientistas e, ainda que existissem alguns casos pontuais de remissão espontânea, era normalmente considerada incurável.

– Para lhe dizer a verdade, detetive Gurney – concluíra o médico –, tendo em conta tudo o que lhe aconteceu, tendo em conta o trauma e o coma, acabar só com um zumbido nos ouvidos é uma sorte dos diabos.

Não era uma conclusão que Dave pudesse rebater. Porém, esse facto não lhe facilitava a convivência com o leve gemido que o envolvia nos momentos de silêncio. À noite, o problema agravava-se. O que durante o dia se assemelhava ao assobio inofensivo de uma chaleira numa divisão distante transformava-se, por entre a escuridão, numa presença sinistra, numa atmosfera fria e metálica que o cercava.

Havia ainda os sonhos – viagens claustrofóbicas que lhe faziam lembrar as experiências vividas no hospital, memórias do gesso apertado que lhe imobilizava o braço, a dificuldade em respirar – que deixavam um rasto de pânico muitos minutos depois de ele acordar.

Perdera a sensibilidade num determinado ponto do antebraço esquerdo, já que as balas dos seus agressores lhe haviam dilacerado o carpo. Beliscava esse ponto regularmente, por vezes de hora a hora, na esperança de que o entorpecimento tivesse começado a ceder ou, nos dias mais sombrios, receando que ele alastrasse. Sentia ocasionalmente dores violentas, imprevisíveis, na ilhargia, onde a segunda bala o trespassara. Havia igualmente um formigueiro – quase uma comichão que era inútil coçar – no centro da testa, junto ao contorno do couro cabeludo, onde a terceira bala lhe fraturara o crânio.

Talvez o efeito mais angustiante dos ferimentos fosse a necessidade constante que agora sentia de andar armado. Quando estava no ativo, tinha sempre consigo uma pistola, mas apenas para cumprir os regulamentos. Ao contrário da maioria dos polícias, não tinha qualquer apreço pelas armas de fogo. E, quando dera por concluída a sua carreira, ao fim de vinte e cinco anos, deixara para trás, juntamente com o seu reluzente distintivo de detetive, a obrigação de andar armado.

Até ser baleado.

Depois disso, todas as manhãs, quando se vestia, não se esquecia de colocar um pequeno coldre para o tornozelo com uma *Beretta* de calibre .32. Odiava sentir esta necessidade. Odiava o facto de ter mudado a ponto de precisar sempre daquele maldito objeto. Esperava que a dependência diminuísse gradualmente, mas isso ainda não acontecera.

Além do mais, estava convicto de que Madeleine o observava nas últimas semanas com um novo tipo de preocupação. Os olhares esquivos de dor e de pânico que ele detetara no hospital, ou as expressões ora esperançadas ora ansiosas que o haviam acompanhado na primeira fase da

sua recuperação, tinham sido substituídos por um ar mais apagado e mais profundo. Parecia perturbada por um pavor crónico, parcialmente escondido, como se estivesse a testemunhar um terrível acontecimento.

Ainda perto da mesa, Gurney bebeu em dois grandes goles o que restava do café. Em seguida, colocou a caneca no lava-louça e deixou correr água quente. Ouvia Madeleine ao fundo do corredor, na lavandaria, a limpar a caixa de areia do gato. Ela adotara o animal pouco tempo antes, mas Gurney não percebia porquê. Seria uma forma de o tentar animar? De o pôr em contacto com outro ser vivo? Em qualquer dos casos, não estava a resultar. Gurney tinha tanto interesse pelo gato como por outra coisa qualquer.

– Vou tomar um duche – anunciou ele.

Ouviu Madeleine dizer qualquer coisa no interior da lavandaria, talvez «boa ideia». Não tinha a certeza de que haviam sido essas as suas palavras, mas não lhe pareceu importante perguntar. Entrou na casa de banho e abriu a torneira da água quente.

O duche longo e quente – a água a alta pressão a massajar-lhe as costas, minuto após minuto, da nuca à base da coluna vertebral, descontraindo os músculos e desanuviando a mente e os seios nasais – produziu nele uma sensação de bem-estar ao mesmo tempo prodigioso e fugaz.

Depois de se vestir, voltou às portas envidraçadas com a sensação de desconforto prestes a regressar. Madeleine encontrava-se já no exterior da casa, no pátio. Para lá do pátio, avistava-se a pequena área da pastagem que, após dois anos de cuidados frequentes, quase se assemelhava a um relvado seco. Envergando um casaco largo e comprido, calças de fato de treino cor de laranja e galochas verdes, caminhava ao longo da fileira de lajes, enterrando entusiasticamente a pá de quinze em quinze centímetros, para criar uma demarcação clara, e arrancando as impertinentes raízes das ervas daninhas. Madeleine lançou a Gurney um olhar que parecia convidá-lo a participar no projeto mas, perante a evidente relutância que ele logo demonstrou, o seu rosto passou da expectativa à desilusão.

Irritado, ele desviou intencionalmente o olhar, passando a contemplar o seu trator verde, estacionado um pouco mais abaixo, junto ao celeiro.

Ela percebeu para onde ele olhava.

– Podes alisar os sulcos com o trator?

– Os sulcos?

- Onde estacionamos os carros.
- Sim... – disse ele, hesitante. – Pode ser.
- Não tem de ser agora mesmo.
- Hum...

Desaparecera já qualquer vestígio da serenidade que experimentara no duche. Naquele momento, os seus pensamentos concentravam-se no peculiar problema que descobrira um mês antes no trator e que, em grande medida, havia desvalorizado. Exceto nos momentos em que a paranoia o enlouquecia.

Madeleine parecia estudá-lo. Sorriu, pousou a pá e caminhou em direção à porta lateral, certamente com a intenção de tirar as botas na lavandaria antes de entrar na cozinha.

Ele respirou fundo e continuou a observar atentamente o trator, interrogando-se pela milésima vez sobre a causa do misterioso bloqueio dos travões. Contribuindo para uma espécie de harmonia perversa, uma nuvem negra obliterou lentamente o sol. A primavera, ao que parecia, não viera para ficar.

Connie Clarke e o grande favor

A herdade dos Gurney situava-se numa depressão das montanhas Catskill, ao fundo de uma estrada rural, perto da aldeia de Walnut Crossing. A velha casa da propriedade fora construída na ampla encosta sul da depressão. Uma pastagem com vegetação densa separava-a de um grande celeiro vermelho e de um lago profundo orlado de juncos e salgueiros cercados por um bosque de faias, álceres e cerejeiras americanas. A norte, uma segunda pastagem subia em direção a um pinhal e a uma sucessão de pequenas pedreiras abandonadas com vista para o vale mais próximo.

O tempo alterara-se radicalmente, algo bastante mais comum nas Catskill do que em Nova Iorque, a cidade de origem de Dave e Madeleine. O céu adquirira um tom xistoso e monótono que ensombrava a serra. A temperatura parecia ter descido significativamente em poucos minutos.

Começava a formar-se uma finíssima camada de gelo. Gurney fechou as portas envidraçadas. Enquanto as segurava para fechar os trincos, sentiu uma dor lancinante no lado direito do abdómen. Momentos depois, a dor repetiu-se. Nada de novo, nada que três anti-inflamatórios não resolvessem. Dirigiu-se para a casa de banho, onde tinha os medicamentos, pensando para consigo que o pior não era o desconforto físico, mas a sensação de vulnerabilidade, a consciência de que estava vivo apenas porque tivera sorte.

A sorte não era um conceito que o seduzisse. Nunca poderia substituir a competência. Salvava-lhe a vida, mas não era um aliado fiável. Conhecia homens mais jovens que acreditavam na sorte, contavam com a sorte, como se ela lhes pertencesse. Porém, aos quarenta e oito anos, sabia perfeitamente que ela não resistia à frieza da razão.

As dores que sentiu no abdómen reforçaram a vontade de cancelar a consulta seguinte com o neurologista, em Binghamton. Tivera quatro consultas em menos de quatro meses, mas o seu único efeito prático parecia ser a acumulação de recibos.

Guardava o número de telefone do consultório na secretária do escritório, junto aos contactos dos outros médicos. Em vez de ir à casa de banho buscar os anti-inflamatórios, entrou no escritório para fazer finalmente a chamada. Enquanto marcava o número, vinha-lhe à memória a imagem do médico: um homem pensativo, quase a completar quarenta anos, com cabelo preto, ondulado, já a sumir-se nas têmporas, olhos miúdos, boca efeminada, queixo pouco desenhado, mãos suaves, unhas arranjadas, mocassins caros, uma postura arrogante e nenhum interesse visível pelo que Gurney pensava ou sentia. As três mulheres que trabalhavam na receção elegante e contemporânea mostravam-se permanentemente confusas e irritadas com o médico, com os pacientes e com os dados exibidos pelos ecrãs dos computadores.

Ao quarto toque, a chamada foi atendida com impaciência, quase desprezo.

– Consultório do Dr. Huffbarger.

– Chamo-me David Gurney, tenho uma consulta marcada que gostaria de...

A voz severa não o deixou prosseguir.

– Aguarde, por favor.

Ouviu em fundo uma voz masculina alterada que ele, por momentos, julgou pertencer a um doente furioso que debitava uma reclamação longa e urgente, mas uma segunda voz fez uma pergunta e uma terceira juntou-se ao diálogo num tom igualmente indignado e sôfrego. Gurney percebeu que estava a ouvir o canal de notícias que infernizava a sala de espera de Huffbarger.

– Estou? – disse Gurney num tom decidido. – Está aí alguém? *Estou?*

– Um momento, por favor.

Continuava o ruído de fundo daquelas opiniões irritantemente superficiais. Ele preparava-se para desligar quando voltou a ouvir a rececionista.

– Consultório do Dr. Huffbarger, em que posso ajudá-lo?

– Bom, chamo-me David Gurney. Pretendo cancelar uma consulta.

– Qual é a data?

– De hoje a uma semana, às 11h40.

– Soletre o seu nome, por favor.

Pensou em perguntar quantas pessoas tinham consultas marcadas para as 11h40 do mesmo dia, mas optou por soletrar o nome.

– E para quando pretende adiar a consulta?

– Desejo apenas cancelar a marcação.

– Tem de marcar nova consulta.

– Como?

– Só me é permitido adiar as consultas com o Dr. Huffbarger, não cancelá-las.

– Mas a verdade é que...

Ela interrompeu-o, aparentemente exasperada.

– Não é possível apagar uma consulta do sistema sem introduzir uma nova data. É essa a política do senhor doutor.

Gurney sentiu que contraía os lábios, furioso. Demasiado furioso.

– Pouco me importa o sistema ou a política do senhor doutor – declarou lentamente, num tom firme. – A minha consulta está cancelada.

– Ser-lhe-á cobrada uma taxa por faltar a uma consulta.

– Não me parece. E se o Huffbarger tiver algum problema com isso, pode telefonar-me diretamente. – Desligou o telefone, tenso e um pouco arrependido de ter pronunciado o nome do neurologista com um certo desdém infantil. Olhou, através da janela do escritório, para a pastagem sem, na verdade, lhe prestar qualquer atenção.

Que diabo se passa comigo?

A dor súbita que sentiu no abdómen respondeu parcialmente à pergunta. E recordou-lhe que ele se dirigia para o armário dos medicamentos antes de efetuar aquele pequeno desvio.

Regressou à casa de banho. Não gostou do que viu no espelho do armário. As rugas da fronte eram como sulcos abertos pela ansiedade, o rosto estava pálido, o olhar apresentava-se apático e cansado.

Santo Deus.

Ele sabia que era necessário retomar o plano de exercício diário: uma série de flexões, elevações e abdominais que outrora o mantinham em melhor forma do que a maioria dos homens de vinte anos. Naquele momento, porém, o homem refletido no espelho parecia, na verdade, ter quarenta e oito anos, e isso não lhe agradava. Sentia-se insatisfeito com

os sinais diários de mortalidade que o corpo lhe transmitia. Insatisfeito com o facto de a mera introversão se ter transformado em isolamento. Insatisfeito com... tudo.

Retirou o frasco de anti-inflamatórios da prateleira, deixou cair três comprimidos castanhos na palma da mão, olhou-os com o sobrolho franzido e introduziu-os na boca. Enquanto deixava correr a água da torneira, aguardando que arrefecesse, ouviu tocar o telefone no escritório. Seria certamente Huffbarger. Ou alguém do seu consultório. Não tencionava atender. *Que vão para o inferno.*

Em seguida, ouviu Madeleine descer as escadas. Momentos depois, ela atendeu o telefone, segundos antes de ser ativado o arcaico atendedor de chamadas. Ele ouvia-a falar mas não percebia o que estava a dizer. Encheu até meio um pequeno copo de plástico e engoliu a água com os três comprimidos que começavam a dissolver-se na língua.

Presumiu que Madeleine estivesse a resolver o diferendo com Huffbarger. Não via nisso qualquer problema. Entretanto, ouviu os passos dela no corredor e depois no quarto. Encontrando a porta da casa de banho aberta, ela entrou e estendeu-lhe o telefone.

– É para ti – disse. Entregou-lhe o aparelho e saiu.

Prevendo palavras ríspidas de Huffbarger ou de uma das suas rececionistas mal-humoradas, Gurney optou por um tom seco, defensivo.

– Estou?

A resposta tardou alguns segundos.

– David? – Aquela jovial voz feminina era, sem dúvida, conhecida, mas a sua memória não a conseguia associar a um nome ou a um rosto.

– Sim – disse ele, desta vez mais afável. – Peço desculpa, mas não consigo lembrar-me...

– Oh, como pôde esquecer-me? Oh, estou tão ofendida, *detetive Gurney!* – Era um ralhete exagerado, jocoso. Subitamente, o timbre do riso e a modulação da voz avivaram-lhe a memória: tratava-se de uma loira determinada, inteligente e cheia de energia com pronúncia de Queens e maçãs do rosto dignas de uma modelo.

– Connie. Santo Deus. Connie Clarke. Há quanto tempo!

– Seis anos, na verdade.

– Seis anos. Meu Deus. – O número não lhe dizia grande coisa, não o surpreendia, mas não lhe ocorrera outra resposta.

Recordou-se da ligação entre ambos com sentimentos contraditórios. Connie Clarke, uma jornalista *freelance*, escrevera um artigo elogioso sobre ele na revista *New York* depois de ele ter resolvido o célebre caso de Jason Strunk, assassino em série, apenas três anos após a sua promoção a detetive de primeira categoria por ter resolvido o célebre caso de Jorge Kunzman, outro assassino em série. A verdade é que o artigo fora demasiado elogioso, a ponto de lhe causar algum desconforto, insistindo no seu número recorde de detenções de homicidas e intitulando-o «Super-polícia de Nova Iorque», uma alcunha que se prestava a um sem-número de variações que os seus colegas mais imaginativos não deixaram de aproveitar.

– E como está a correr essa reforma dourada?

Ele ouviu um risinho e presumiu que ela tivera conhecimento da sua participação a título pessoal nos casos Mellery e Perry.

– Umas vezes mais calma, outras nem tanto.

– Uau! Muito bem! É uma boa maneira de fugir à pergunta. Reforma-se da Polícia de Nova Iorque após vinte e cinco anos de serviço e, dez minutos depois de chegar às enfadonhas Catskills, investiga uma série de casos de homicídio. Parece-me que os grandes crimes vão ter consigo, como se fosse um íman. Ena! O que pensa Madeleine a esse respeito?

– Acabou de falar com ela. Podia ter-lhe perguntado.

Connie riu-se como se ele tivesse dito uma piada genial.

– E entre esses casos de homicídio, como é a sua vida quotidiana?

– Não há muito para contar. É tudo bastante calmo. A Madeleine está mais ocupada do que eu.

– Tenho muita dificuldade em imaginá-lo na América de Norman Rockwell. O Dave faz compotas. O Dave faz sidra. O Dave vai buscar os ovos ao galinheiro.

– Lamento desiludi-la, mas não há compota, sidra ou ovos. – Ele recordou-se do cenário bastante diferente dos últimos seis meses. *O Dave arma-se em herói. O Dave é alvejado. O Dave recupera muito, muito lentamente. O Dave vagueia por aí a ouvir zumbidos que só existem na sua cabeça. O Dave está a ficar deprimido, hostil, isolado. O Dave vê qualquer indício de atividade como um ataque exasperante ao seu direito a um pânico entorpecedor. O Dave não quer saber de nada.*

– E o que vai fazer hoje?

– Para lhe dizer a verdade, Connie, quase nada. No máximo, caminhar em redor dos campos, talvez apanhar alguns ramos derrubados pelo vento durante o inverno, ou adubar os canteiros. Coisas assim.

– Não me parece mal. Conheço muitas pessoas que dariam tudo para trocar de lugar consigo.

Ele preferiu não responder, convicto de que, mantendo-se em silêncio, a obrigaria a revelar o objetivo do telefonema. Tinha de haver um objetivo. Ele lembrava-se de Connie como uma mulher cordial e conversadora, mas sempre com algum propósito em mente. O cérebro dela, sob aquela emaranhada melena loira, estava sempre ativo.

– Deve estar a interrogar-se sobre o motivo do telefonema – disse ela.
– Não está?

– Já me ocorreu perguntar.

– Telefonei-lhe porque quero pedir-lhe um favor. Um *grande* favor.

Gurney refletiu por instantes e acabou por se rir.

– Qual é a piada? – perguntou ela, parecendo vacilar momentaneamente.

– Lembro-me de a ouvir dizer que é sempre melhor pedir um grande favor do que um pequeno favor porque estes são mais fáceis de recusar.

– Não! Não acredito que disse isso. É uma ideia tão *manipuladora*. É *horrível*. Inventou isso, não foi? – Parecia alegremente indignada. Connie nunca se afastava do seu propósito por muito tempo.

– Em que posso ajudá-la?

– Inventou mesmo! Eu sabia!

– Mais uma vez, em que posso ajudá-la?

– Bom, agora é embaraçoso dizê-lo, mas trata-se, de facto, de um grande, grande favor. – Fez uma pausa. – Lembra-se da Kim?

– A sua filha?

– A minha filha que o adora.

– Como?

– Não me diga que não sabia...

– Não sei do que está a falar.

– Oh, David, David, David, todas as mulheres o adoram e o David não dá por nada.

– Creio que estive com a sua filha uma vez, tinha ela... talvez... quinze anos? – Recordava uma rapariga bonita mas com um ar muito sério a

almoçar com ele e com Connie em casa desta, mantendo-se intencionalmente à margem da conversa, quase sem pronunciar palavra.

– Na verdade, ela tinha dezassete anos. E tem razão, «adorar» talvez seja um pouco exagerado. Mas achou-o realmente inteligente e isso, para a Kim, é muito importante. Ela tem agora vinte e três anos, e eu sei de fonte segura que ainda admira muito Dave Gurney, o Superpolícia.

– Isso é muito simpático, mas... estou um pouco perdido.

– Claro que sim, porque eu estou a divagar em vez de lhe pedir o tal grande favor. É melhor sentar-se, isto pode demorar alguns minutos.

Gurney permanecia de pé, junto ao lavatório. Transpôs o quarto, atravessou o corredor e entrou no escritório. Não tinha qualquer vontade de se sentar. Preferiu manter-se de pé diante da janela que dava para as traseiras.

– Muito bem, Connie, estou sentado – afirmou. – O que se passa?

– Nada que o deva preocupar. É uma coisa estupenda. A Kim tem uma oportunidade incrível. Conte-lhe que ela se interessava por jornalismo?

– Vai seguir as pisadas da mãe?

– Credo, nunca lhe diga tal coisa, ela mudava imediatamente de carreira! Penso que deseja acima de tudo tornar-se totalmente independente da mãe! E esqueça a palavra *pisadas*. Ela está prestes a dar um enorme salto. Deixe-me então ir direta ao assunto antes que eu o baralhe de vez. Ela está a fazer um mestrado em jornalismo na Universidade de Syracuse. Não é muito distante da sua casa, pois não?

– Não é bem ao virar da esquina. A viagem demora cerca de uma hora e quarenta cinco minutos.

– Pronto, não é terrivelmente distante. Eu demoro mais ou menos o mesmo tempo a chegar à cidade. Seja como for, ela tem de apresentar um projeto final e teve a ideia de realizar uma minissérie com vítimas de homicídios. Bom, não propriamente com as vítimas, mas com as famílias, os filhos... A ideia é perceber os efeitos a longo prazo de uma situação em que um progenitor é assassinado e o caso fica por resolver.

– Fica por...

– Nem mais. Seriam apenas casos em que o assassino nunca tivesse sido capturado. Em que a ferida nunca tivesse sarado. Por muito tempo que passe, esse continua a ser o maior peso emocional das suas vidas, como um gigantesco campo magnético que muda tudo para sempre. A série chamar-se-á *Os Órfãos do Crime*. Não é o máximo?

– Parece-me uma ideia interessante.

– É *muito* interessante! Mas falta a parte explosiva. Não é só uma *ideia*. Vai mesmo *acontecer*! Tudo começou como um projeto académico, mas o orientador ficou tão impressionado que a ajudou a transformar um mero esboço numa ideia concreta. Ele conseguiu até contratos de exclusividade com alguns dos potenciais participantes para salvaguardar o trabalho dela. Depois, entregou a proposta a um conhecido produtor da RAM-TV. E sabe que mais? O tipo da RAM está interessado! De um dia para o outro, um projeto menor obteve uma cobertura profissional que gente com vinte anos de experiência daria tudo para conseguir. A RAM é o que está a dar.

Na opinião de Gurney, a RAM era a principal responsável por transformar programas de notícias tradicionais numa feira ruidosa, superficial, fútil, pouco séria e alarmista, mas resistiu à tentação de se manifestar.

– Estará a interrogar-se – prosseguiu Connie, entusiasmada – o que tem tudo isto a ver com o meu detetive preferido, certo?

– Estou ansioso por saber.

– Duas coisas. Primeiro, preciso que olhe por ela.

– De que forma?

– Talvez possa falar com ela? Perceber o caminho que ela está a seguir? Dizer-lhe se o projeto reflete o mundo das vítimas que o David conhece? É uma oportunidade única. Se ela não cometer muitos erros, o céu é o limite.

– Hum...

– Isso quer dizer que aceita? Por favor, David?

– Connie, sei muito pouco sobre jornalismo. – E o que sabia enojava-o, em grande medida, mas preferiu manter-se de novo em silêncio.

– Ela domina a parte do jornalismo. E é muito inteligente. Só que ainda é uma miúda.

– Qual é então o meu contributo? A velhice?

– Realidade. Conhecimento. Experiência. Perspetiva. A incrível sabedoria acumulada ao longo de... quantos casos de homicídio?

Percebendo que não se tratava realmente de uma pergunta, Gurney nem tentou responder. Connie prosseguiu, ainda mais animada.

– Ela tem grandes capacidades, mas falta-lhe experiência de vida. Está a entrevistar pessoas que perderam o pai, a mãe ou outro familiar às mãos de um homicida. Precisa de conhecer a realidade. Precisa de uma visão

global das coisas, entende? Acho que o que estou a tentar dizer é que a parada é tão alta que ela precisa de saber tudo o que for possível.

Gurney suspirou.

– Deus sabe quanta pesquisa há por aí sobre luto, morte, perda...

– Sim, sim, bem sei – interrompeu ela. Psicologia barata, as fases do luto, as fases da treta e por aí adiante. Isso é-lhe inútil. Ela precisa verdadeiramente de alguém que saiba o que é o *homicídio*, que tenha visto as vítimas e conversado com elas, olhando-as nos olhos, sentindo-lhes o terror. Alguém que *saiba*, não alguém que tenha escrito um livro qualquer. – Seguiu-se um longo silêncio. – Aceita ajudá-la? Basta encontrar-se com ela uma vez, analisar o trabalho e sugerir-lhe um caminho. Dizer-lhe se tudo aquilo faz sentido.

Observando a pastagem pela janela do escritório, pensou que um encontro com a filha de Connie para lhe facilitar a entrada no mundo do «telelixo» era uma das possibilidades menos apelativas do mundo.

– Disse que eram *duas* coisas, Connie. Qual é a segunda?

– Bom... – A sua voz esmoreceu. – Talvez haja um problema com um ex-namorado.

– Que tipo de problema?

– Não sei ao certo. A Kim gosta de parecer invulnerável, sabe? Como se não tivesse medo de nada nem de ninguém.

– Mas...?

– Mas, no mínimo, este imbecil tem-lhe pregado umas partidas maldosas.

– Tais como...?

– Entra no apartamento dela e muda os objetos de lugar. Ela começou a contar-me uma história sobre uma faca desaparecida e depois reaparecida mas, quando lhe pedi que me desse mais pormenores, ela preferiu ficar em silêncio.

– Então porque terá abordado o assunto?

– Talvez hesite entre pedir ajuda e tentar resolver o assunto sozinha.

– O imbecil tem nome?

– Chama-se Robert Meese, mas intitula-se Robert Montague.

– E o problema está relacionado com o projeto para a televisão?

– Não sei. Mas parece-me que ela não quer reconhecer a gravidade da situação. Pelo menos quando fala comigo. Então... por favor, David?

Por favor? Não sei a quem mais recorrer. – Como ele não respondia, ela decidiu continuar. – Talvez eu esteja a exagerar. Talvez seja só a minha imaginação. Talvez não haja problema algum. Mesmo assim, gostaria muito que o David falasse com ela sobre o projeto, sobre estas vítimas de homicídio e as suas famílias. Isto é muito importante para ela. Não terá outra oportunidade assim. Ela está muito determinada, muito confiante.

– Noto-a um pouco receosa.

– Não sei. Estou apenas... preocupada.

– Com o projeto ou com o ex-namorado?

– Talvez com as duas coisas. Enfim, por um lado, é fantástico, não é? Mas angustia-me pensar que, com tanta determinação e tanta confiança, ela tenha ido longe de mais sem me dizer nada, sem que eu a possa ajudar. Meu Deus, David, também tem um filho, não é verdade? Percebe o que estou a sentir?

Dez minutos depois de desligar o telefone, Gurney ainda se encontrava junto da grande janela do escritório, virada a norte, tentando interpretar o tom confuso, incaracterístico, de Connie, interrogando-se porque acedera, por fim, a falar com Kim e porque se sentia tão inquieto perante toda aquela situação.

Suspeitava que o desconforto se devesse à referência ao seu filho. Era sempre um assunto delicado, por motivos que, naquele momento, não lhe pareciam, de todo, relevantes.

O telefonou tocou de novo. Apercebeu-se, com alguma surpresa, que ainda o tinha na mão, que se havia esquecido de o pousar. *Desta vez é mesmo o Huffbarger*, pensou, *para defender a sua ridícula política de cancelamentos*. Sentiu-se tentado a não fazer nada, a esperar pelo atendedor de chamadas, a deixar Huffbarger a falar sozinho. Por outro lado, queria resolver o problema de uma vez por todas para nunca mais ter de se incomodar. Carregou na tecla para atender.

– Fala Dave Gurney.

Do outro lado, ouviu uma voz feminina sonora, cristalina.

– Dave, estou-lhe muito grata! A Connie acabou de me telefonar para me dizer que aceitou encontrar-se comigo.

Ele sentiu-se momentaneamente confuso. Arrepiava-o sempre ouvir um filho referir-se ao pai ou à mãe utilizando um nome próprio.

– Kim?

– Claro! Quem mais poderia ser? – Como não obtive resposta, foi direita ao assunto. – Bom, aconteceu uma coisa fantástica. Saí há pouco de Nova Iorque e estou a caminho de Syracuse. Estou perto da interseção da Estrada 17 com a I-81. Isso significa que posso apanhar a I-88 e chegar a Walnut Crossing daqui a uns trinta e cinco minutos. Está disponível? Eu sei que é completamente inesperado, mas é uma coincidência maravilhosa! Estou ansiosa por tornar a vê-lo!